

O CENÁRIO DO DESEMPREGO DE JOGADORES PROFISSIONAIS DE FUTEBOL BRASILEIRO DURANTE A TEMPORADA 2019

Thaís Nunes de Souza¹; Christian Emmanuel Torres Cabido^{1,2}

1 - Grupo de Pesquisa em Exercício Físico: Saúde e Desempenho Humano (ExeF:SDH) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); 2 - Departamento de Educação Física – UFMA.

Autor de correspondência:

Thaís Nunes de Souza- Graduanda do curso Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Resumo

O objetivo do estudo foi quantificar o panorama do desemprego de atletas brasileiros de futebol profissional durante a temporada competitiva de 2019, bem como analisar se existem diferenças entre as Séries competitivas do Campeonato Brasileiro. Foi realizado um levantamento de dados dos atletas em sites oficiais das equipes brasileiras. Foram incluídas 128 equipes profissionais que atuam no Campeonato Brasileiro de Futebol. Foram excluídas equipes profissionais que participavam apenas dos campeonatos estaduais. Os dados foram coletados duas vezes ao ano, no primeiro e no segundo semestre. O resultado encontrado foi uma diferença de 11,4% no número de atletas que estavam empregados no começo do ano. Uma redução de 3,7% na Série A. Um aumento de 8,3% na Série B. Redução de 25,1% na Série C e 16,5% na Série D. Por meio desses resultados, podemos concluir que há um aumento no número de atletas desempregados do primeiro para o segundo semestre competitivo, principalmente nas séries C e D.

Palavras chave: Desemprego. Futebol. Campeonato Brasileiro

1. INTRODUÇÃO

O desemprego é uma realidade na sociedade brasileira, sendo recorrente o número de desempregados no Brasil atingir índices preocupantes. Desde 2017 a porcentagem tem ficado em torno de 12% (IBGE, 2019). Em escala mundial, havia cerca de 172 milhões de pessoas desempregadas em 2018. No primeiro trimestre de 2019 o índice de desempregados chegou a 12,4%, tornando a taxa de desemprego no Brasil duas vezes maior que a média mundial, cerca de 5% (OIT, 2019). Essa situação atingiu diversos setores da sociedade, inclusive o esporte. Nesse contexto, ainda que o Brasil seja conhecido como o país do futebol, jogadores profissionais se enquadram na estatística crescente de desemprego que afeta a população em geral (RANGEL, 2002)

O futebol é uma prática que está presente na vida do brasileiro desde a infância, situação, esta, que faz com que muitos adolescentes idealizem carreira profissional na modalidade. Os jovens de classe-baixa são os mais sugestionados a buscar meios que os aproximem dessa ascensão no futebol, visando muitas vezes, a oportunidade em mudar seu patamar socioeconômico (KUNZ, 2009). Constantemente, escolas de futebol ganham novos praticantes, de ambos os sexos, almejando tornarem-se jogadores profissionais, influenciados muitas vezes pelo convívio direto ou indireto com o futebol, seja praticando, estando próximo a pessoas que jogam ou tendo acesso a informações pelos diferentes meios de comunicação (FREYRE, 2003).

Movidos pela vontade de jogarem futebol profissionalmente, os jovens dedicam grande parte de sua rotina em atividades que envolvem a modalidade, diminuindo o período voltado aos estudos e a preparação para uma nova atividade profissional quando encerrarem a carreira (BRANDÃO, 2000). Contexto preocupante, considerando que, a cada 300 mil crianças e jovens, que têm a pretensão de serem jogadores de futebol, apenas 100 terão êxito (TEGA, 2014). A Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol (FENAPF) calcula que há 18 mil jogadores desempregados no Brasil (FENAPF, 2018). Uma estatística da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) aponta que 60% dos jogadores de futebol perdem emprego ao longo da temporada. De acordo com Tega (2014), os clubes apenas se preocupam em formar o jogador no ensino médio, poucos são incentivados a cursarem um curso superior. A ausência de um curso superior pode afetar negativamente a vida financeira dos mesmos em situações que precisem desenvolver outras habilidades profissionais, por exemplo após a carreira esportiva competitiva (BRANDÃO, 2001).

Considerando estes aspectos, a situação financeira de muitos jogadores acaba sendo afetada negativamente após o encerramento da carreira, a grande maioria passa por enormes dificuldades ao tentar se reintegrar à sociedade (ROFFE, 2000). Uma pesquisa com 57 ex-jogadores de alto nível constatou que 59,6%, por conta da baixa qualificação profissional e a escassez de oportunidade no mercado de trabalho buscam trabalhos alternativos aguardando a chance de assinar um novo contrato (AGRESTA; BRANDÃO; BARROS NETO,2008).

Apesar do cenário apresentado, não encontramos pesquisas científicas recentes demonstrando a atual situação de desemprego no futebol brasileiro, se ocorre uma alteração nesses números ao longo da temporada competitiva (1º semestre vs. 2º semestre, em que ocorrem principalmente os campeonatos estaduais e nacionais, respectivamente). Também desconhecemos estudos científicos que tenham verificado se existe diferença na quantidade de atletas desempregados durante a temporada ao se considerar a Série em que os atletas estão competindo (A, B, C ou D), pois a duração do Campeonato Brasileiro, e a sua forma de disputa difere entre as séries (A e B vs. C e D). Portanto, o presente estudo tem como objetivo quantificar o panorama do desemprego de atletas brasileiros de futebol profissional durante a temporada competitiva de 2019, bem como analisar se existem diferenças entre as Séries competitivas do Campeonato Brasileiro.

2. METODOLOGIA

O presente estudo é uma pesquisa documental com abordagem quantitativa de documentos primários. Foram analisadas 128 equipes profissionais, que disputaram os Campeonatos Estaduais, Campeonato Brasileiro de Futebol (Brasileirão) divididos entre Série A (20), Série B (20), Série C (20), Série D (68), além dos campeonatos continentais. O calendário competitivo é fracionado em duas partes principais, primeiro (1º) e segundo (2º) semestres (figura 1). No 1º semestre ocorrem principalmente os campeonatos estaduais. Já no 2º semestre a principal competição é o Campeonato Brasileiro nas suas diferentes divisões. Ainda, existem três grandes competições, uma nacional (Copa do Brasil) e duas continentais (Copa Libertadores da América e Copa Sul Americana) que ocorrem do 1º semestre (fevereiro) ao final do 2º semestre (setembro e novembro).

Figura 1- Cronograma competitivo do futebol brasileiro em 2019. (CBF,2019)



CRONOGRAMA DO FUTEBOL BRASILEIRO/2019	EMISSÃO 03/10/2018	ATUALIZAÇÃO	PÁG 01/01
---------------------------------------	-----------------------	-------------	--------------

Avenida Luiz Carlos Prestes, 130 • Barra da Tijuca • Rio de Janeiro, Brasil • CEP 22.775 - 055
Tel: 00 55 (21) 3572 1900 • Fax: 00 55 (21) 3572 1990 • cbf@cbf.com.br

A coleta de dados ocorreu em dois momentos, março e abril de 2019 foram quantificados os atletas atuantes nas equipes, catalogados através de fontes on-line, como o site oficial das equipes. Quando o site oficial não estava disponível, foram consultados em sites de notícias esportivas (Globo esporte e ESPN). Em última instância, foram consultados sites de aposta (Brasil esportes e O Globo.com), visto que, normalmente, estão atualizados para seus usuários realizarem suas apostas.

A segunda coleta ocorreu entre setembro e novembro do mesmo ano (2019), após o encerramento do período de contratações brasileira, que ocorreu entre junho e agosto de 2019, seguindo os mesmos procedimentos da coleta realizada no 1º semestre. Após a tabulação dos dados dois semestres, foi comparado o número de jogadores que estavam atuando no 1º e no 2º semestre do ano e verificado se os resultados se encaixam nos dados globais do cenário do futebol brasileiro. Esse procedimento foi realizado para garantir que nenhum jogador fosse contado duas vezes em equipes diferentes. Caso alguma inconsistência fosse encontrada, uma

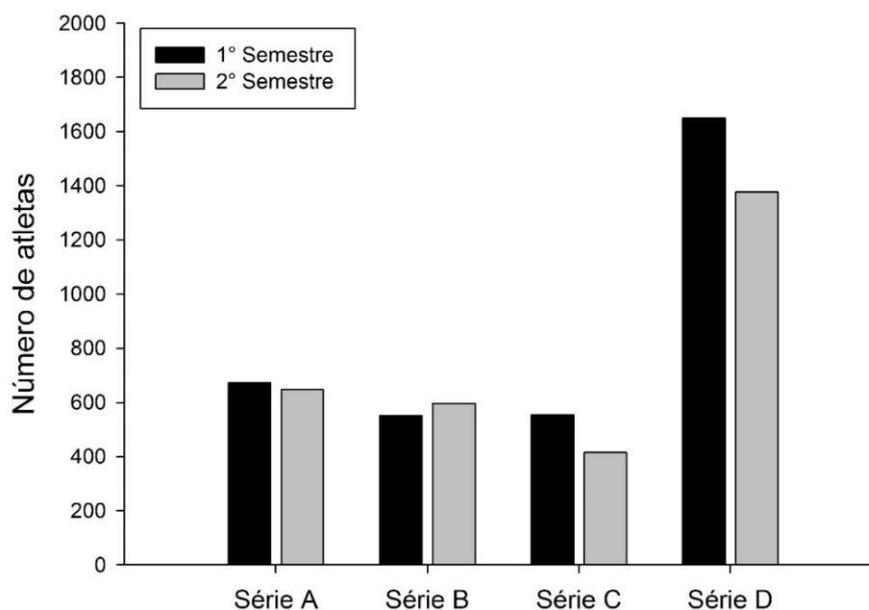
nova análise seria realizada, o que não foi necessário. Os resultados estão apresentados como valor absoluto e percentual.

3. RESULTADOS

Foi verificado que durante o 1º semestre de competições, 3.428 atletas estão empregados e no 2º semestre da temporada competitiva, há uma redução para 3.037 atletas, totalizando 391 (11,4%) de desempregados entre os períodos avaliados.

Quando a comparação entre os semestres é realizada separando por divisão competitiva, na Série A foi verificada uma redução de 25 (3,7%) atletas (1º = 673 vs. 2º = 648). Por outro lado, na Série B foi verificado um aumento de 46 (8,3%) de atletas do 1º para o 2º semestre competitivo (551 vs. 597, respectivamente). Para as Séries C e D foram verificadas reduções de 139 (25,1%) (1º = 554 vs. 2º = 415) e 273 (16,5%) (1º = 1.650 vs. 2º = 1.377) entre o 1º e 2º semestre, respectivamente (figura 2).

Figura 2- Resultados do número de atletas por semestre competitivo, separado por Série de disputa no Campeonato Brasileiro (A, B, C e D).



4. DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo quantificar o panorama do desemprego entre os jogadores de futebol profissionais durante o ano de 2019. Um total de 128 times divididos em

séries A, B, C e D participaram desse estudo. Foi analisada uma diferença de 391 atletas com contratos ativos, nos times profissionais listados no Campeonato Brasileiro, equivalente a 11,4% de diferença entre o 1º semestre e o 2º semestre anual. No melhor do nosso conhecimento, esse é o primeiro estudo a realizar tal análise, o que dificulta comparação dos resultados encontrados em nossa pesquisa com a literatura.

Tomando como base o desemprego na população em geral, o resultado encontrado é menor que o esperado. Todavia, considerando o futebol, um esporte que movimenta cerca de bilhões de reais por ano no Brasil e no mundo (PLURI CONSULTORIA, 2012), uma taxa de 11,4% de desemprego com poucos meses de diferença, ainda poderia ser evitada. Segundo uma pesquisa de 2013 da Fundação Getúlio Vargas o futebol brasileiro movimenta R\$ 11 bilhões ao ano, gerando 370 mil empregos (FGV, 2013). A Diretoria de Registro, Transferência e Licenciamento da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) divulgou o relatório de dados do mercado 2019 do futebol brasileiro. Nele consta que há 1.127 clubes registrados (742 profissionais e 385 amadores); 22.177 contratos profissionais e 477 treinadores registrados. Ainda, um estudo realizado pelo Centro Internacional de Estudos Esportivos (CIES Football Observatory), em 2018, revelou que o Brasil era o maior exportador de futebolistas no mundo, com mais de 1.200 brasileiros jogando fora de seu país de origem (FORBES, 2018). A propagação realizada pela mídia esportiva, ao enfatizar apenas a crescente venda e compra de atletas pelos clubes e destacando os jogadores que alcançaram patamares salariais elevados (AMARAL; THIENGO; OLIVEIRA, 2007) encobre a esmagadora maioria dos atletas registrados que ganham até mil reais (82%) (CBF, 2017) e principalmente o elevado número de desempregados nessa população.

Ainda nesse contexto, no estudo realizado por Tega (2014), é proposta uma perspectiva de que a cada 3 mil crianças, que entram nas categorias de base de algum clube, apenas uma jogará futebol profissionalmente. O referido autor faz a seguinte projeção: 15% estarão desempregados, 70% ganharão de 1 a 5 salários-mínimos, 10% receberão entre 5 e 20 salários e apenas 10% terão remuneração superior a 20 salários. Com base nessa projeção, o autor conclui que o futebol tem gerado mais frustrações do que realizações, o que acaba levando muitos jogadores a buscar posteriormente alternativas de trabalho diferente do que ele se dedicou durante parte de sua vida profissional.

A Educação Física escolar é o sinônimo do esporte de rendimento no âmbito escolar e utiliza o esporte de rendimento como objeto de ensino e o professor no papel de treinador fomenta uma educação que colabora com o desenvolvimento psicossocial das crianças (BRACHT, 2000). O professor de Educação Física é um dos responsáveis pela motivação

esportiva do aluno, interligando o treinamento esportivo daqueles que almejam a carreira profissional no futebol e orientando-o para planejar uma outra carreira que enfrente as exigências do mercado de trabalho (ALBUQUERQUE, *et al.* 2014)

Ao analisar as Séries do Campeonato Brasileiro separadamente, dentre as divisões que apresentaram queda no quadro de jogadores, a Série A foi a divisão que apresentou menor valor 25 (3,7%). Isso pode ser explicado devido a Série A fazer parte da primeira divisão do futebol profissional, que compreende as vinte melhores equipes do Brasil adeptos ao sistema de pontos corridos, o que prolonga a participação das equipes nos jogos, além de serem clubes inseridos em outros tipos de competições nacionais (Copa do Brasil) e continentais (Copa Libertadores da América ou Copa Sul Americana) de forma simultânea. Esses fatores acabam levando os clubes esportivos a manter seu quadro de jogadores titulares e reservas completos por toda a temporada competitiva. Ainda, de acordo com o regulamento da CBF, existem limites de inscrições de atletas (máximo 45) e de transferências (até 5 atletas de outras equipes da Série A), durante a disputa do Campeonato Brasileiro da Série A (CBF, 2019). Tais restrições levam as equipes a se planejarem e se esforçarem para manter o plantel de jogadores, pois terão limitações, de inscrições e transferências, para contratações enquanto a competição ocorre. Esse fator, também favorece para um menor número de atletas desempregados entre o 1º vs. 2º semestre competitivo. Ainda, é uma divisão em que as equipes possuem maior aporte financeiro da televisão devido às cotas pagas pelos direitos de imagem para as transmissões das partidas, o que resulta em maior visibilidade midiática, favorece o consumo dos materiais esportivos das equipes (AZEVEDO, 2019), além de maior incentivo financeiro por parte de patrocinadores (SCHARF; RUTZEN, 2020)

A Série B, com formato de pontos corridos similar da série A, apresentou um aumento no número de atletas do 1º para o 2º semestre competitivo 46 (8,3%). Este fato ocorreu porque esta Série absorve jogadores que se desligam de equipes da Série A e que não podem se transferir para outra na mesma Série e os atletas que estão se destacando em outras séries, como as Séries C e D. Tais atletas se beneficiam da aprovação da Lei Pelé (nº 9.615/98), que facilita a mobilidade interna interclubes e inter-regionais (RODRIGUES, 2007, p. 275), por extinguir o “passe” que seria o vínculo esportivo que o atleta teria com uma dada equipe esportiva, fazendo que a mesma fosse detentor do seu direito de jogar futebol. Com o fim desse tipo de vínculo, o atleta passou a estar ligado ao clube mediante contrato de trabalho, estando ele liberado da equipe quando o contrato se encerra. Adicionalmente, as equipes enfrentam a dificuldade em manter seus atletas com contratos tão longos devido à falta de calendário competitivo o ano inteiro, os quais são transferidos através por empréstimos ou vendidos

(RODRIGUES, 2010). Os clubes que integram a Série B, ainda tem uma dada projeção na mídia nacional, pois tem partidas sendo transmitidas semanalmente pela televisão, o que, conseqüentemente, resulta em interesse dos patrocinadores e gera um retorno financeiro às equipes. Tal contexto ainda torna a Série B atrativa para receber jogadores de outras Séries de disputa.

As Séries C e D foram as mais atingidas pelo desemprego, 139 (25,1%) (1º = 554 vs. 2º = 415) e 273 (16,5%) (1º = 1.650 vs. 2º = 1.377), respectivamente. Essas reduções podem ser explicadas devido ao curto calendário competitivo nestas Séries. A Série C disputa jogos de maio a outubro, porém seu formato é dividido em primeira fase, pontos corridos e segunda fase, quadrangular final em sistema de “mata-mata”. Assim, as equipes que não se classificam para a segunda fase, eliminados prematuramente da disputa (final de agosto) na primeira fase, apresentam dificuldades para manter os seus atletas no elenco. A situação ainda é periclitante na Série D, que apesar de percentualmente desempregar um número menor de jogadores comparada com a Série C, em termos absolutos é a que mais desemprega entre as demais divisões (273 atletas), possivelmente por ser a última divisão com menor duração. Das 68 equipes que iniciam a disputa em abril/maio, apenas 32 equipes podem avançar para a segunda fase (36 equipes são eliminadas no início de junho). Das 32 equipes que ainda continuam na segunda fase, a partir do início de julho, somente 16 equipes podem avançar para as oitavas de final. Por fim, em julho/agosto, somente 8 equipes conseguem seguir para as quartas de final. Dessa forma, em menos de três meses 60 equipes deixam a o campeonato e já estão sem competições oficiais para disputar. As equipes passam mais tempo paradas, e voltam a jogar em competições amadoras ou chegam a fechar suas portas permanentemente e não precisam manter seus atletas contratados, dispensando alguns ou todos os atletas. No período entre 2009 até 2013, enquanto não estão participando de competições, 80 equipes de pequeno porte do futebol brasileiro fecharam suas atividades, reforçando assim o quadro do desemprego para esse público (PLURI CONSULTORIA, 2013).

As Séries C e D, sofrem bastante em relação ao *marketing* esportivo, visto que para haver um retorno financeiro, os patrocinadores buscam times com títulos significativos, equipes mais competitivas nacionalmente, atletas renomados e que tenham visibilidade nacional para valorizar sua marca (DOS SANTOS, 2014). Buscando aumentar o ganho financeiro, o clube necessita de visibilidade nacional e internacional, com ampla cobertura da mídia (MELO NETO, 2013), o que não ocorre com os times da terceira e quarta divisão. Como os jogos nessas Séries não tem ampla cobertura da televisão, as equipes não recebem (ou recebem muito pouco) recursos financeiros como direitos de transmissão, o que afasta potenciais patrocinadores.

Um estudo realizado pela Pluri Consultoria em 2019, mostrou que dos 650 clubes profissionais brasileiros apenas os 128 clubes que disputam uma das quatro divisões do Campeonato Brasileiro atuam o ano inteiro. Os outros times têm apenas os campeonatos estaduais e alguns a Copa do Brasil para disputar. Sendo assim, cerca de 63,1% dos clubes jogaram em fevereiro de 2019, mês onde mais equipes estiveram em atividade. Março (56,9%), abril (54,6%), agosto (53,7%) e setembro (50,6%) foram os outros meses em que mais da metade das equipes realizaram partidas. Já novembro e dezembro foram os piores neste quesito e contaram com 21,2% e 6% das equipes profissionais em campo, respectivamente. Esse cenário que envolve as divisões inferiores, como a Série D, composta por uma grande quantidade de jogadores, é negativamente afetada por um calendário de competições tão curto com fases de “mata-mata”. Uma alternativa para minimizar essa situação seria a alteração da forma de disputa das competições nacionais nas Séries C e D. Em 2020 o formato de disputa da Série C teve mudanças na segunda fase, transformando a fase de “mata-mata” em outra fase quadrangular, aumentando o tempo dos times ativos nas competições (CBF,2020).

A extrapolação dos resultados do presente estudo, precisa levar em consideração algumas limitações. O estudo não pode comprovar que a diferença do número de jogadores é devido ao desemprego dos atletas, visto que estes poderiam estar atuando em times não catalogados ou em outras áreas do mercado de trabalho. No ano em que os dados foram coletados também ocorreu a Copa América, que resultou em uma interrupção temporária das competições nacionais e sul-americanas durante o final de junho e início de julho. Como esse é o primeiro estudo que verificou o desemprego entre o 1º e 2º semestre competitivo, não temos como prever se essa interrupção resultou em consideráveis alterações nos resultados encontrados por este estudo.

Adicionalmente, a inexistência de um site oficial da equipe ou a ausência das informações do elenco no mesmo, fez com que fosse necessário recorrermos a sites de apostas para algumas equipes da Série D. Essa conduta ocorreu por acreditarmos que os diferentes sites de apostas utilizados são e estão atualizados para permitir que seus apostares estejam com as informações precisas para realizarem suas apostas. Estudos futuros poderiam realizar essa análise em diferentes temporadas competitivas e verificar a oscilação desses valores ao longo de anos, principalmente considerando as diferentes condições e especificidades que cada ano impõe aos clubes (ano sem interrupção devido a competição oficial da Seleção Brasileira, ano com interrupções devido Copa América, Copa das Confederações ou Copa do Mundo).

5. CONCLUSÃO

Evidencia-se uma diferença na empregabilidade dos jogadores no decorrer do Campeonato Brasileiro (11,4%), com maior expressividade nas menores séries. A Série D é a divisão que apresenta em seu quadro de jogadores maiores taxas de desemprego ao longo da competição, o que permite, uma visão cuidadosa das entidades oficiais esportivas na criação de políticas que diminuam esse cenário de desemprego no futebol brasileiro.

Conclui-se, portanto, que o cenário de desemprego do futebol atinge a elite do futebol brasileiro (Série A). Todavia, devido ao sistema de disputa, essa situação prejudica principalmente as equipes que disputam as Séries inferiores do Campeonato Brasileiro (C e D). Uma alternativa seria a alteração da forma de disputa das Séries C e D, permitindo que ambas as Séries pudessem durar a maior parte do ano, usando o sistema de pontos corridos por exemplo, como é nas Séries A e B.

6. REFERÊNCIAS

AGRESTA, M, C; BRANDÃO, MRF; BARROS NETO, T,L. **Causas e conseqüências físicas e emocionais do término de carreira esportiva.** Rev Bras Med Esporte vol.14 no.6 Niterói Nov./Dec. 2008

ALBUQUERQUE, Alberto; TEIXEIRA, Ricardo; LIMA, Ricardo; GOLNÇALVES, Francisco; RESENDE, Ruí. **Formação inicial de Professores. Reflexão e Investigação da Prática Profissional.** Editora FADEUP.2014. p. 111-113.

AMARAL, T. R. P.; THIENGO, R. C.; OLIVEIRA da S. I. F. **Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira de jogador profissional.** EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Año 12 - Nº 115 - Diciembre de 2007.

BRACH, Valter. **Esporte na escola e esporte de rendimento.** Movimento- Ano VI, nº 12-200/1

BRANDÃO, M. R. F. *et al.* **Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura.** Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2000, v 8. n.1, 2000. p. 48-58.

BRANDÃO, M. R. F.; MORGADO, F.; MACHADO, A. A.; ALMEIDA, P. **O futebol e seu significado.** Motriz, Rio Claro, v. 14, n. 3, p.233-240, jul./set., 2008.

BRANDÃO, M. R. F. **Transição de carreira esportiva em jogadores de futebol profissional.** São Paulo, SP: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 2001

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio. PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 12,4% e taxa de subutilização é de 24,6% no trimestre encerrado em fevereiro de 2019.** IGBE, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24109-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-12-4-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-24-6-no-trimestre-encerrado-em-fevereiro-de-2019>. Acesso em: 14 de abril de 2019.

BRASIL. **Organização Internacional do Trabalho. Taxa de desemprego.** OIT, 2019.

BRASIL. **Fundação Getúlio Vargas. II Seminário de Gestão Esportiva.** 2013. Disponível em: <http://www5.fgv.br/fgvonline/Noticias/7ccbfc9-304b-48a3-95c1-fe1b418fa6b4/Legado-da-Copa-de-2014-é-um-dos-temas-do-II-Seminário->. Acesso em: 14 de abril de 2019.

BENEVIDESA, Bruno Italo Lima; DOS SANTOS, Sandra Maria; CABRAL, Augusto Cezar de Aquino Cabral. **A relação entre preço e demanda por jogos de futebol no Brasil.** Revista de economia contemporânea. 2017 21(2): p. 1-18

CALDAS, Waldenir. **O futebol no país do futebol.** Lua nova: Revista de Cultura e Política. vol.3, nº 2, São Paulo. 1986.

CAPELO, R. **A vida de um jogador de futebol de verdade.** Revista Época, São Paulo, 01 de mar 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2016/03/vida-de-um-jogador-de-futebol-de-verdade.html>. Acesso em 22 de fev 2019.

CAPELO, R. **“O calendário do futebol gera desemprego sistêmico” diz Ricardo Borges Martins.** Revista Época, São Paulo, 22 de fev, 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2016/02/o-calendario-do-futebol-gera-desemprego-sistemico-diz-ricardo-borges-martins.html>. Acesso em: 23 de mar 2019.

CAPELO, R. **Seis Em cada dez jogadores de futebol perderam o emprego na temporada de 2016.** Revista Época, São Paulo, 18 de janeiro, 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/esporte/epoca-esporte-clube/noticia/2017/01/seis-em-cada-dez-jogadores-de-futebol-perderam-o-emprego-na-temporada-de-2016.html>. Acesso em: 23 de mar 2019.

CARRAVETTA, E. **Modernização da Gestão no futebol brasileiro.** Porto Alegre: Editora AGE, 2006.

CARVALHO, C. A. P.; GONÇALVES, J. C. S.; ALCÂNTARA, B. C. S. **A Transformação do Futebol: da Diversão à Hegemonia do Mercado.** In: Encontro Nacional Dos Programas De Pós-Graduação Em Administração. **Anais...** EnANPAD, 2003

CBF - **Confederação Brasileira De Futebol. Diretoria De Competições. Regulamento Específico Da Competição Campeonato Brasileiro Da Série A - 2019.** Disponível em: www.cbf.com.br. Acesso em: 20 de mar 2019.

CBF- Confederação Brasileira de Futebol. **Com novo formato de disputa, Série C 2020 começa com grandes duelos.** Assessoria CBF. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-serie-c/com-novo-formato-de-disputa-serie-c-2020-comeca-com-grandes-duelos>. Acesso em: 20 de dez 2020.

COELHO, Vinicius Paulo. **Bola fora: a história do exôdo do futebol brasileiro.** Editora Original Ltda. 2011.

DOS SANTOS, C. S Ediorgenes da. **Marketing esportivo: repensa a gestão de um clube de futebol no Brasil.** Revista de Administração- v. 4-n. 6 (2014)

FENAPAF. **Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol.** Disponível em: <http://www.fenapaf.org.br/home>. Acesso em 14 de abril 2019

FORBES, **Brasil é o país que mais exporta jogadores de futebol.** Revista Forbes, 12 de maio de 2018. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2018/05/brasil-e-o-pais-que-mais-exporta-jogadores-de-futebol/>. Acesso em: 14 abril de 2019

FREYRE, Gilberto. **O negro no futebol brasileiro.** Editora Mauad. 2003.

GASPARETTO, Thadeu. **O futebol como negócio: uma comparação financeira com outros segmentos.** Revista Brasileira de Ciência do Esporte vol.35 no.4 Porto Alegre Oct/Dec. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000400003. Acesso em: 23 outubro de 2020

GONZÁLES, F. J.; BORGES, R. M.; SFALCIN, ALEXANDRE. **O sonho acabou! Abandono da Carreira Esportiva de Atletas Profissionais de Futebol.** Revista Corpoconsciência, v. 19, nº1, jan/abr., 2015.

IMBIRIBA, Luís. **Jogadores do Desemprego.** Jornal A nova democracia. Editora Aimberê. Ano III, nº 21, dezembro de 2004. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-21/755-jogadores-do-desemprego>. Acesso em: 14 abril de 2019

HELAL, R.; GORDON. C.; **A crise do futebol brasileiro: perspectiva para o século XXI.** Revista ECO-Pós. v.5, n1, 2002, pp.37-55

KUNZ, E. **Esporte: uma abordagem fenomenológica.** In: STIGGER, M.P.; LOVISOLO, H.R. (Orgs.). Esporte de rendimento e esporte na escola. Campinas: Autores Associados, 2009. p.27-48..

MARTINS, Hélio Mauro Viana et. al. **Características do mercado e tipos de consumidores do futebol brasileiro**. In: Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade. Anais do VI SINGEP – São Paulo, 2017.

MELO, L. B. S.; et al. **Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 2016; 38(4): p. 400-406.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010

NEVES JÚNIOR, Idalberto José; ALVES MOREIRA, Simone; SOARES DE SOUZA PRADO, André; FERREIRA DA SILVEIRA, Luan Junior. **Fronteira De Eficiência Dos Clubes De Futebol Do Campeonato Brasileiro Série “A” De 2012** Revista Pensamento Contemporâneo em Administração, vol. 9, núm. 3, 2015, pp. 121-137

PLURI CONSULTORIA. **Consultoria em Gestão, Governança, Finanças e Marketing Esportivo para Clubes, Entidades e Atletas**. Disponível em: <https://www.pluriconsultoria.com.br/>

RANGEL, S. **Maioria dos jogadores de futebol ganha até R\$ 360,00 no Brasil**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3101200236.htm#:~:text=Ou%20seja%2C%2016.785%20dos%2020.428,42%2C62%25%20dos%20atletas>. Acesso em 15 nov. 2019

REIN, I., Kotler, P. &SHIELDS, B. (2009). **Marketing Esportivo: A reinvenção do esporte na busca de torcedores**. Porto Alegre: Bookman

RODRIGUES, F.X.F. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. 2007

ROFFE, M. **Retiro del futbolista. El drama del día después**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 23 de outubro 2019.

SCHARF, Edson Roberto; RUTZEN, Ana Cláudia da Silva. **Elementos Constituintes da Propaganda de Patrocinadores da Copa do Mundo FIFA de Futebol 2018**. Revista Perspectivas Contemporâneas, v. 15, n. 1, p. 24-45, jan./abr. 2020.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves, et. al. **Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola**. V. 22, nº 4, 2011.

TEGA, Eduardo. **Futebol e sustentabilidade** [s.l.] TedX Inatel 22. fev. Disponível em: <http://eduardotega.com.br/futebol-e-sustentabilidade-tedx/>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

VEJA. **Série D: os desafios de uma divisão quase esquecida**. Revista Veja. 4 de agosto 2017. Disponível em: veja.abril.com.br/placar/serie-d-os-desafios-de-uma-divisao-quase-esquecida/. Acesso em: 23 outubro de 2020.

VIANNA, Henrique Ladeira; GONÇALVES, Victor Lana. **Público presente nos estádios de futebol: um efeito comparativo do campeonato brasileiro com as ligas europeias**. Revista brasileira de futebol 2017; v. 10, nº2, p.58-70.